



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8817 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

A resistência propositiva popular nos contextos escolares e não escolares

Tiago Zanquêta de Souza - UNIUBE - Universidade de Uberaba

Gercina Santana Novais - UNIUBE - Universidade de Uberaba

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fapemig

A resistência propositiva popular nos contextos escolares e não escolares

Introdução

De acordo com os dados do relatório “O Vírus da Desigualdade”, lançado pela Oxfam em janeiro deste ano, as 1.000 pessoas mais ricas do mundo recuperaram todas as perdas que tiveram durante a pandemia de Covid-19 em apenas nove meses (entre fevereiro e novembro de 2020), enquanto os mais pobres do planeta levarão pelo menos 14 anos para repor as perdas devido ao impacto econômico da pandemia. Ainda de acordo com o relatório, em fevereiro de 2020, os mais ricos tinham 100% de suas fortunas. Em março, essa riqueza caiu para 70,3%, voltando aos 100% em novembro. Esta pandemia tem o potencial, segundo o relatório, de aumentar a desigualdade econômica em quase todos os países ao mesmo tempo. O coronavírus já matou mais de dois milhões de pessoas pelo mundo e tirou emprego e renda de milhões de pessoas, empurrando-as para a extrema pobreza. No Brasil, crescem a exportação de alimentos e a quantidade de pessoas em situação de insegurança alimentar grave. A pesquisa “Cenário da exclusão escolar no Brasil: um alerta sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na educação”, mostra que em novembro de 2020, 5 milhões de pessoas, na faixa etária de 6 a 17 anos, estão sem acesso à educação escolar.

Quando se volta os olhares para a educação, especialmente nacional, parece que

a lógica do não perder o ano revela: parece pulsar, nos discursos e argumentos educativos vigentes, não razões pedagógicas, mas, antes, mercadológicas, embasadas no lucro, nos dividendos, na fábrica. Educar parece, de novo, ter a ver com a possibilidade de seguir um modelo, obedecer a um dado sistema e responder de modo específico a questões pré-fabricadas, independentemente do quão diferente você seja, pense ou sinta. Escola como homogeneidade, ratificação do mesmo, como política de mesmidade, dispositivo de docilização e colonização (RIBEIRO; SKLIAR, 2020, p.19).

Tiago Ribeiro e Carlos Skliar (2019, p.20) problematizam que essa é a “lógica fundante das políticas públicas que se arvoram no direito de definir o que é comum (leia-se, aqui, comum como “obrigatório”) a todos, sem considerar ou escutar suas vozes e pontos de

vista”.

Nesse sentido, segundo os autores, a educação se dá como experiência de assombro, encantamento, descoberta, inquietude e indagação, como conversação e comunidade – espaço de pensar por si com o outro, de tornarmo-nos aldeias afetivas e colaborativas, sujeitos coletivos, como propõe Ailton Krenak (2019). É nessa mesma direção que entendemos o trabalho de educadores e educadoras, dentro e fora das escolas, que vêm compondo o que chamamos de *resistência propositiva popular*.

A questão problematizadora que orienta a pesquisa é: como se materializa a resistência propositiva popular em contextos escolares e não escolares, na conjuntura desencadeada pela pandemia de Covid-19? De modo a respondê-la, este texto tem o objetivo de contribuir para a reflexão sobre o conceito e a materialização da *resistência propositiva popular* no seio de contextos escolares e não escolares, nesta situação pandêmica, apresentando parte dos resultados de uma pesquisa, com enfoque qualitativo, cujos/as participantes são educadores/as populares. Essa pesquisa, vinculada ao Grupo de Pesquisa em Formação Docente, Direito de Aprender e Práticas Pedagógicas – FORDAPP, contemplou pesquisa de campo com uso de entrevistas semiestruturadas (GASKELL, 2002) para produção de dados, analisando-os a partir dos eixos temáticos: dinâmica, pauta e valores dos movimentos de resistência propositiva popular; processos formativos e educativos nos movimentos de resistência propositiva popular.

Resistência propositiva popular: das experiências à definição

Desde 2019, temos desenvolvido esforços para definir e delimitar melhor os contornos do conceito de resistência propositiva popular, a partir de base teórica e empírica sobre resistência. Nesse processo, a formulação da expressão *resistência propositiva popular* incorpora a compreensão e o reconhecimento de que a sua construção exige redes abertas e democráticas de produção e divulgação de conhecimentos, saberes e experiências complexos, vinculados aos diferentes lugares, sujeitos ou grupos sociais, e processos de superação de qualquer obstáculo à emancipação humana.

A *resistência propositiva popular* é materializada, por exemplo, nos movimentos marcados por diversidade temática, ações coletivas e, unicidade quanto ao compromisso com o fim da barbárie. Assim, é constituída por projetos políticos pedagógicos ampliados, associados à inscrição nos discursos sociais de outras narrativas sobre experiências e compreensões acerca das relações entre as pessoas, de modo a fomentar a produção do conhecimento sobre mundo e o autoconhecimento, a recusa da valorização dos conhecimentos acadêmicos em detrimento dos conhecimentos produzidos pelos movimentos sociais e ou por diferentes grupos sociais, opondo-se à “nova razão do mundo” (DARDOT; LAVAL, 2016), neoliberal e neoconservadora.

Mas, é importante mencionar que nas narrativas apresentadas por educadoras, durante as entrevistas semiestruturadas, que participam de movimentos por direitos sociais e humanos, desde a década de 1970, embora possam ser identificados como movimentos de resistência propositiva popular e tenham elementos comuns, como exemplo a busca por garantir a dignidade humana e a superação da opressão, é possível visualizar mudanças nas dinâmicas dos movimentos, nos tipos de organização, na interseccionalidade de pautas e o acréscimo de valores que orientam as ações de intervenção na realidade. A título de ilustração, durante a entrevista, a educadora Açucena afirma:

Eu penso que nós estamos vivendo uma nova época, a época que eu vivi [nas décadas de 1970 e 1980] a gente se organizava através das fábricas, através do movimento sindical. Hoje [...] nós temos de arrumar uma forma diferente de nos organizarmos, enquanto classe trabalhadora, enquanto sindicato [...] por quê? Por que estamos vivendo um desemprego brutal, quase 14 milhões de desempregados. Isso aí já mostra por si própria uma realidade brutal desumana e desigual, porque quando você vê a pessoa que não tem um trabalho, um pai de família, uma mãe de família, amanheceu o dia não tem onde morar, não tem o que comer, mas tem família e para mim é desumano, é brutal o sistema político que estamos vivendo. Mortes, porque aí você entra na questão da pandemia. Pessoas morrendo sem oxigênio [...]. (Educadora Açucena, 2021, p.8).

Ela continua a narrativa sobre os movimentos que participou ou participa, e é possível identificar a marca da solidariedade nas ações desenvolvidas, processos educativos e formativos e, por conseguinte, a constituição de outras formas de relacionar com o/a outro/a.

Particpei das pastorais operárias e das oposições sindicais, nas décadas de 1970 e 1980. Hoje, participo do Comitê de Mulheres de Uberlândia, da Marcha Mundial das Mulheres e nós fizemos um projeto sem violência nas periferias, periferia sem violências. Construímos 2000 máscaras e distribuimos em 5 bairros, no Canaã, no Jardim Brasília, Maravilha e no Liberdade, no Esperança e lá no Morumbi. [...] eu participei dessa confecção, eu fiz parte da logística junto com o Carlos, nós fizemos, a Flor do Deserto e o professor Fábio e uma turma, um grupo, [...] nós entregamos para as mulheres nas periferias, foi muito importante, a gente viu a sensibilidade muito grande das pessoas, a receptividade das pessoas e a gente discutindo sobre a violência doméstica. [...]. Eu desafiei, parti para esse momento. [...] os valores é, valor é de humano, para mim eu coloco ser humano em primeiro lugar, não tem substituição, o valor da pessoa, pessoa da justiça social, então nós estamos lutando pela saúde, pela igualdade social, pelo mundo melhor. As cozinhas comunitárias, então, [...] são consequências do sistema político [...] e econômico, as pessoas passando fome e não tem outra alternativa se nós não tivermos essa sensibilidade de apoiar na hora da fome, não tem sentido nossa vida. [...] cada cozinha distribui na faixa de 1000 a 2000 marmitex. A Flor de Liz pode falar mais, [...] ela tem passado o tempo, acompanhado. Nós estamos fazendo arrecadação de alimento, de dinheiro e tem as equipes para cozinhar, eu tenho ajudado na medida do possível com sabão líquido e sabão em pedra que eu faço, e as máscaras, [...] eu devo ter feito na faixa de umas 3 mil máscaras para os projetos das cozinhas comunitárias e moradores de rua [...]. Esse sistema que está aí ele é de morte, mas nós temos que ter esperança. Mas, tem movimentos que ainda não sabem para onde vão estar se organizando, mas isso é importante, isso é democrático. Acho que é importante manter os partidos, é importante surgir os movimentos, mas muitos começam e não têm apoio e morrem, mas, nós ainda estamos com a esperança na Frente Brasil Popular, na Frente Sem Medo de Ser Feliz, nós temos a Marcha Mundial das Mulheres, nós temos cientistas sérios, tem pessoas sérias, não está tudo perdido, nós temos que continuar lutando de cabeça erguida. Se amanhã eu não estiver mais aqui, tem vocês, tem nossos filhos, nossos netos, tataraneto para continuar. As formas? Cada um vai procurar a melhor forma de lutar. (Educadora Açucena, 2021, p.8-10).

Felizmente, o ser humano pode reagir às imposições de padrões de comportamento e, ao se utilizar dinâmicas, incorporar valores e pautas da *resistência propositiva popular*, pode promover transformações. Freire (1996, p. 41) alerta que o contexto da resistência pressupõe uma briga entre desiguais, onde “a boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar”. A resistência, nesse sentido, é a possibilidade de mudar o mundo, compreendê-lo dinâmico, recusando o discurso de que a mudança irá acontecer espontaneamente, ou seja, de que vai chegar porque tem que chegar. É também uma prática que contraria alguns aspectos da visão de mundo dominante e, desse modo, faz-se necessário uma luta contra ela e não assumir a posição fatalista forjada pelo próprio sistema, a ponto de fazer com que as pessoas compreendam que não há o que fazer nessa realidade, que é assim mesmo como se apresenta.

Freire (1995, p.16) afirma que a educação pode se fazer como caminho e possibilidade, para que as pessoas possam elaborar a sua cultura. “A participação popular na

criação da cultura e da educação rompe com a tradição de que só a elite é competente e sabe quais são as necessidades e interesses de toda a sociedade”. Disso decorre, também, a ideia da *resistência propositiva popular* como projeto político de intervenção pedagógico ampliado, vinculado ao desenvolvimento social, econômico, ambiental, este último, considerado a partir da concepção de Luci Sauv  (2005) em torno do que considera como “meio ambiente”: projeto comunitário, em que as pessoas se empenham ativamente para a mudança da realidade.

Além das experiências mencionadas anteriormente, destacamos, em tempos de pandemia: 1. A es dos sindicatos dos/as profissionais da educa o, denunciando e reivindicando condi es dignas de trabalho em tempos de pandemia; 2. Luta dos movimentos sociais que tornaram o Fundo de Manuten o e Desenvolvimento da Educa o Básica e de Valoriza o dos Profissionais da Educa o (FUNDEB) uma política permanente de financiamento e amplia o dos recursos destinados pela União para o referido fundo; 3. O esforço de professores e professoras para a realiza o das aulas *on-line* que não legitimem a educa o bancária e que, ao mesmo tempo, o Estado garanta o direito de ensinar e aprender de todos/as, pois tal atividade docente, por meio da mais recente demonstra o dos interesses da educa o colonizada e colonizadora, foi determinada pela Portaria n  343, de 17 de março de 2020, do Conselho Nacional de Educa o (CNE), que dispõe sobre a substitui o das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a pandemia da Covid-19.

Assim, os movimentos de *resistência propositiva popular em contextos não escolares e escolares* são crivados de a es que educam, mas com propósito diferente do estabelecido para o projeto educativo desenvolvido para os países periféricos, submetidos aos processos relativos ao colonialismo e   colonialidade, como o Brasil.

Considera es provisórias

No decorrer do texto apresentamos reflexões sobre conceito e características da resistência propositiva popular, por isso, para continuarmos promovendo a referida reflexão, destacamos o fato de que a *resistência propositiva popular*   aquela fomentadora de outra hegemonia que desautoriza qualquer tipo de prática cultural homogeneizadora, ou seja, um saber popular que emerge das classes populares e que   tão legítimo quanto os conhecimentos produzidos e sistematizados pela academia.

 , também,   uma forma de constituir um trabalho de empoderamento, de modo a produzir uma cultura orgânica de classe, de promover a participa o de educadores/as na tarefa de formar política e economicamente para a cidadania, no contexto da diversidade, comprometidos com transforma o da realidade, em busca da humaniza o e do ser mais.

Referências

BERKHOUT, Esm  et al. O vírus da desigualdade. **Relatório da Oxfam GB**, 2021. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/wp-content/uploads/2021/01/bp-the-inequality-virus-110122_PT_Final_ordenado.pdf?utm_campaign=davos_2021_-_pre_lancamento&utm_medium=email&utm_source=RD+Station>. Acesso em 01 mai.

2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPÇÃO, Raiane. **Cultura rebelde**: escritos sobre a Educação Popular ontem e agora. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **PORTARIA Nº 343, DE 17 DE MARÇO DE 2020**. Disponível em: . Acesso em 01 mai. 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **A sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 1995.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In. BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p.64-89.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Tiago; SKLIAR, Carlos. Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 25, n. 55, p. 13-30, set./dez. 2020

SAUVÉ, Lucie. Educação ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005.

UNICEF BRASIL. Cenpec Educação. **Cenário da Exclusão Escolar no Brasil: um alerta sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na Educação**. 2021. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/relatorios/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil>>. Acesso em: 01 maio 2021.